

18-06-2021

## ESGOTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO

**Dionísia Preto Malwin**

[Educadora Física - Doula]

Depois de aparecer nesta coluna três vezes falando sobre epidemiologia em voz alta, compartilhando com os leitores minhas iniciações nessa matéria, cansei.

Durante mais de um ano de pandemia, esmagada por um noticiário macabro, entre mentiras, negacionismo, desrespeito, escárnio e indicadores epidemiológicos, cansei. Sem ver luz no fim do túnel, com o Congresso Nacional dominado, a Advocacia Geral da União dominada, a Controladoria Geral da União dominada, a Procuradoria Geral da República dominada, o Ministério da Saúde e todos os demais ministérios dominados, inúmeras instituições públicas dominadas (Polícia Federal, Polícias Militares, Funai, Ibama, ICMBio, Fundação Palmares, Receita Federal etc. etc...), cansei. Mas, pergunto a mim mesma: como assim, dominadas? Dominadas, fico pensando, por uma ordem “maior” autoritária, onde a mentira, a negação, o embuste e o apagamento dos contrários imperam. Por isso, cansei.

Cansei também porque quero falar de outros assuntos, para não enlouquecer nesse poço escuro e cada vez mais escuro onde nos metemos. Ou nos meteram?

Mas, antes, fecho aqui minhas aventuras epidemiológicas, somente como forma de atualizar essa grande tragédia brasileira. No dia 06/04/2021, comparei a morbidade por Covid-19, que era de 6,11%, com a do dia 13/01/2021, que era de 3,85%. O aumento, então, já havia sido imenso.

Pois hoje, dia 12/06/2021, os casos confirmados (infectados), que consideramos doentes pelas razões justificadas nos textos anteriores, são 17.215.169 e o número de brasileiros, hoje, às 18:09, é de 213.200.639. Desse modo, a morbidade hoje é  $\frac{17.215.169}{213.200.639}$  de 8,07%. É evidente que a curva de morbidade continua subindo pela ausência de vacinação em massa e, obviamente, pelo afrouxamento irresponsável dos meios de prevenção (uso de máscara, restrição de certas atividades, segurança nos deslocamentos e, principalmente, distanciamento social). Lembrando que os trabalhadores em atividades essenciais nunca tiveram qualquer apoio governamental para essas medidas de proteção....

E o que aconteceu com a mortalidade, de lá pra cá?

Hoje, 12/06/2021:  $\frac{486.358 \text{ mortos por Covid}}{213.200.639 \text{ brasileiros}}$ . O resultado é 0,22%. Observe: em janeiro 0,09%, em abril 0,15% e agora, em junho 0,22%. Se você percebe o quanto essa curva não para de crescer, pense no que está acontecendo no Brasil. .... E, para fechar, a letalidade.....

Fica assim:  $\frac{486.358 \text{ mortos}}{17.215.169 \text{ doentes}}$ . O resultado é 2,82%.

Em janeiro era 2,51%, abril 2,55% e em junho, 2,82%, no dia de hoje. É a força de matar ficando mais forte no dia de hoje - Dia dos Namorados -. Seria a hora de perguntar: quantos namorados e namoradas de todas as idades foram exterminados pela incúria e pelo deboche? Por isso, cansei!! Cansei, mas não vou fugir à luta. Estou querendo falar das doulas, mais uma vez. A doulagem é a minha maior paixão. Evento recente (27 a 29 de maio), realizado na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (Fundação Oswaldo Cruz), reuniu doulas de todo o Brasil no 1º Encontro Nacional de Doulas no SUS. Com o mérito de dar visibilidade à profissão das doulas e seu reconhecimento, o encontro possibilitou construir consensos entre nós.

Da riqueza dos debates destaco.... A educação popular em sua relação com todo o ciclo perinatal, a importância da profissionalização na Atenção Primária em Saúde e a doula no território. Algumas questões como o reconhecimento da profissão e, portanto, sua valorização profissional e institucionalização do voluntariado são transversais ao debate sobre o trabalho das doulas, especialmente no SUS. Situações que colocam as doulas em situações de vulnerabilidade, inclusive sujeitas à marginalidade e situações violentas de constrangimento, são desafios a serem superados. Sua potência de atuação reside em múltiplos aspectos. O papel relevante na construção da autonomia da gestante e na transformação da atenção ao ciclo perinatal, a promoção de vínculos articulados entre a gestante e sua família e dessas com os demais profissionais de atenção ao ciclo perinatal são evidentes e poderão ser cada vez mais efetivos com a institucionalização de suas atividades. Especialmente na atenção hospitalar, o papel da doula ressalta a presença feminina na efeméride obstétrica, potencializa a agregação entre os convivas do grande acontecimento, promove o diálogo interprofissional e, principalmente, serve como olhar vigilante da violência obstétrica. Também ressalta a especificidade do processo de trabalho, singularíssimo em nossa missão.

Sob esse aspecto emerge a relação saúde-trabalho de nós próprias. Também destaco algumas informações trazidas no evento. Com a presença e apoio das doulas, estudos apontam, em média, redução de 28% das cesarianas, de analgesia em 60%, de uso de ocitocina em 31% e da utilização de fórceps em 40%. É muita redução das “commodities” do Complexo Médico Hospitalar.

Por certo, o trabalho das doulas incomoda muita gente. Além disso, a insatisfação com o trabalho de parto hospitalar, com a presença de doulas, reduz em 34%.

Isso sem contar com o aumento muito elevado de adesão à amamentação. E se fossemos falar da generosidade do afeto este texto não teria sequer um fim... Como diz João do Vale “a ciência da abelha, da aranha e a minha muita gente desconhece .... e todo mundo quer cheirar ....” ■■■